

e começam a aparecer e logo a predominar as figuras políticas oriundas da província do Rio de Janeiro, e outras que têm na própria Corte sua base permanente. É outra gente. São outros os tempos.

Para esses tempos, para essa gente, para a estrutura nova que pouco a pouco se firma e se consolida, a imprensa deve estar em suas mãos, deve servi-la, deve contribuir para a consolidação da estrutura escravista e feudal que repousa no latifúndio e que não admite resistência. A figura típica da época, na imprensa, vem a ser, por isso mesmo, Justiniano José da Rocha. Emerge da confusão e do tumulto da Regência, quando ensaiava os primeiros passos, para tornar-se personagem de destaque na imprensa áulica do tempo. Trazido pela mão protetora de Paulino José Soares, futuro visconde do Uruguai e teórico do novo regime, ganha logo foros de porta-voz da situação que se impõe: "Paulino, no Ministério, tentou também fortalecer o partido com a organização de um jornal sob sua imediata direção", conta o seu biógrafo. E explica: "Achavam que as opiniões e os atos do governo, além da sua publicidade oficial, deviam ser explicados e defendidos por um jornal ministerial, que contrabalançasse as críticas dos oposicionistas. A liberdade de imprensa que existiu no Império necessitava de um corretivo; restringi-la não estava no feitio dos homens saídos das lutas de 31 e 32, imbuídos das fórmulas clássicas de um individualismo então irredutível"(111).

A carta com que Justiniano José da Rocha responde ao convite de Paulino é documento eloquente das relações a que se submeteu o jornalista: "O que só queremos é não perdermos de todo o nosso futuro, é que as pessoas do ministério, a quem vamos servir, nos considerem dignos de sua aliança, e não instrumentos comprados com alguns réis, e, no ministério, ou fora do ministério, nos dêem a consideração e proteção correspondentes à nossa dedicação; pois, para servir-me de uma expressão que as decepções que sofremos com o ministério de 19 de setembro puseram em moda entre nós, não queremos ser laranjas, de que se aproveita o caldo, e deita-se fora a casca"(112). Confissão modelar, como se verifica. Nessa data, de 4 de junho de 1840, o jornalista de aluguel queria mais do que remuneração: queria apreço. Como se fosse possível aos senhores de terras e de escravos terem apreço pelos seus servidores, e, além do mais, servidores intelectuais.

Assim apareceu *O Brasil*, dirigido por Justiniano José da Rocha e

(111) José Antônio Soares de Sousa: *A Vida do Visconde do Uruguai*. S. Paulo, 1944, págs. 91/92.

(112) Idem, pág. 94.